



[Assine](#)
[E-mail](#)
[SAC](#)
[Canais](#)




Só **R\$ 29,90** por mês
» Clique e assine já.

www.gravurarte.hpg.com.br

[HOME / Menu:](#)
[Autor do Projeto:](#)
[Contato:](#)
[Livro de Visitas:](#)
[Glossário:](#)
[Bibliografia:](#)
[Links:](#)

BREVE HISTÓRICO DA GRAVURA

Organizado por Júlio Feliz

A arte de gravar nasceu com o homem. Algumas incisões deixadas nas cavernas, como por exemplo, o “boi almiscarado” encontrado na caverna de Altamira (Espanha) e que foi feito à cerca de 30 mil anos, mostra a necessidade e/ou prazer que nossos ancestrais tinham de representar através dos desenhos e pinturas, o seu meio, os animais que caçavam e, provavelmente, as suas crenças.

Esse processo de fazer sulcos ou incisões, fotos, imagens de revistas, etc., é comumente chamado de gravura. Contudo, nas artes plásticas, o termo gravura é entendido como um meio expressivo relacionado com um conjunto de procedimentos gráficos, englobando: gravura em *relevo* (xilogravura, linogravura), gravura em *encavo* (gravura em metal) e gravura *planográfica* (litografia, serigrafia).

O termo gravura deriva do grego *graphein*, que significa escrever ou desenhar e em sua concepção mais ampla, a transposição de formas vistas ou sentidas a um sistema de linhas, pontos e superfícies. Em um sentido mais restrito, trata-se da criação de um desenho artístico sobre um material apropriado com a finalidade de obter a impressão, de produzir certo número de exemplares da obra.

Para Ferreira (1977),

“Gravura é a arte de transformar a superfície plana de um material duro ou, às vezes, dotado de alguma plasticidade, num *condutor de imagem*, isto é, na matriz de uma forma criada para ser reproduzida certo número de vezes. Deve para isso a placa ou prancha desse material ser trabalhada de modo a somente transmitir ao papel (que é o suporte de *reprodução* mais geralmente empregado), por meio da *tinta* (o elemento “revelador”), e numa operação de transferência efetuada mediante *pressão*, parte das linhas e/ou zonas que estruturam a forma desejada. Deixa-se então o branco (ou à cor) do papel realizar ativamente a sua contraparte na ordenação e surgimento da imagem integral e autônoma que se chama *estampa*”. (p.15)

Toda gravura contém em si duas espécies de informação: uma de natureza técnica e outra de natureza estética. A técnica refere-se ao processo utilizado para a obtenção da matriz e a parte estética, refere-se à parte formal e estilo usado pelos artistas que a realizam.

As primeiras estampas

A gravura derivada de uma matriz de madeira (xilogravura) foi a mais antiga técnica que permitiu a multiplicação da imagem em várias estampas. Sua origem está relacionada às primeiras impressões ornamentais sobre tecidos, praticadas pelos árabes e pelos habitantes da antiga Índia. O desenvolvimento dessa técnica, no entanto, pertence ao Extremo Oriente, principalmente após a invenção da fabricação de papel, pelos chineses, a partir do ano 105 da nossa era.

Os exemplos mais antigos de utilização de matrizes de madeiras para a impressão originam-se da Coreia (751 d.C.) e da China (618-906 d.C.). Segundo COSTELLA (1984), os testemunhos mais antigos da xilogravura sobre papel datam do século VIII d.C. e são orações budistas impressas no Japão.

Sobre esse assunto, KREJCA (1990) comenta que essas impressões reproduziam não só o motivo como também toda classe de textos de acompanhamento, talhados na mesma prancha. A reunião dessas xilogravuras individuais permite o aparecimento dos primeiros livros chamados *livros-bloco*. O mais antigo desses livros é conhecido como *Sutra do Diamante*, e data do ano 868 d.C. (pág. 23)

A xilogravura na Europa

As estampas xilográficas impressas em tecidos vão também sendo realizadas em papel. Levado provavelmente pelos árabes, o papel aparece na Europa por volta do século XI e o desenvolvimento da xilogravura na Europa está diretamente ligado ao comércio do papel.

Provavelmente, os espanhóis foram os primeiros a fabricar papel na Europa por volta do século XII. Por volta dos anos 1276, fundou-se uma fábrica de papel em Fabriano, na Itália e a cidade tornou-se um

importante centro papelheiro que durante o século XIV abasteceu quase toda a Europa com papel de boa qualidade. Posteriormente, também a França e a Alemanha passam a fabricar papéis, dispensando assim a importação de outros países.

Com o aumento da disponibilidade de papel na Europa, a produção de estampas impressas alcançou grande desenvolvimento. Evidentemente a xilogravura não aparece como uma arte autônoma, mas como um meio prático para um fim determinado.

A impressão xilográfica na Idade Média terá importância não só para a Igreja como também para a população em geral. No caso da Igreja, antes da invenção da imprensa, a xilogravura é utilizada na produção de pequenos livros de caráter religioso e nos próprios manuscritos.

Sobre isso, JORGE (1986) comenta:

“Foi este mesmo processo, da xilogravura, que tornou possível, mesmo antes de ser introduzida no livro, a impressão de imagens de santos, cenas da vida religiosa, calendários com gravuras coloridas à mão, que se vendiam nas feiras e mercados. A difusão era imensa pois o seu preço era bastante acessível.....Segundo o historiador Henri Bouchot, o Papa Clemente VI, durante os seus dez anos de pontificado, que vai desde 1342 a 1352, decretou o regulamento da concessão de indulgências. Continham estas, uma imagem religiosa, gravada em madeira, acompanhada dum texto sucinto e manuscrito, conforme o comprador, e a sua penitência. Este era um sistema rendoso, trocar uma imagem por uma soma mais ou menos ligeira, com que a Igreja aumentava os seus proventos.”



Durante o século XIV e parte do século XV pode-se dizer que a xilogravura ficou atrelada às ilustrações de livros e estampas soltas na criação de panfletos, calendários, etc.

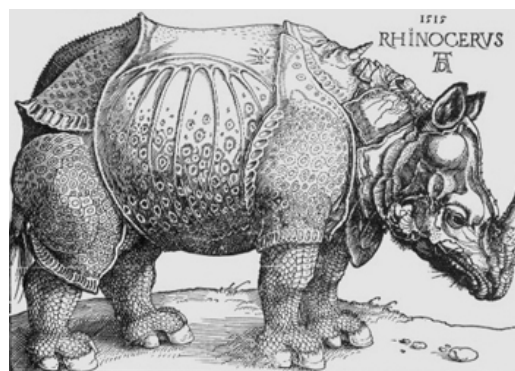
No final do século XV e início do Século XVI, aparece Albet Durer (1471-1528), um artista que irá dar outro rumo à produção xilográfica. Considerado um dos maiores pintores e gravadores europeus, Durer consegue com sua gravura, romper o vínculo que até então esta tinha com a produção de livros. A partir de sua obra observa-se que gradativamente a gravura começa a emancipar-se como uma forma de expressão artística.

Além do clero, a população em geral também fazia uso “profano” das impressões xilográficas. As cartas de baralho eram impressas com figuras alusivas às profissões e coloridas à mão, por artesãos especializados.

COSTELLA (1984), também afirma a utilização da xilogravura na confecção de cartas de baralho:

“as cartas gravadas por processo xilográfico, ao que parece, não surgiram senão em meados do século XV, firmando-se seu fabrico, em tiragens expressivas, nos anos finais dessa centúria. As cartas de João Dale, tiradas de 1460 a 1470, e as de F.Clerc, de 1485 a 1496, todas impressas, confirmam que os gravadores europeus já atuavam francamente nesse setor antes do encerramento do século XV.

O processo para a produção de cartas impressas foi, então, o mesmo utilizado na feitura das imagens religiosas: a impressão xilográfica.”



O rinoceronte – xilogravura de Albert Durer

Mesmo com a produção de Durer e de outros artistas, como Hans Holbein (1497-1543), as ilustrações ainda continuavam sendo realizadas em xilogravura até meados do século XVI, aliás, esses artistas produziram ilustrações para livros. Da produção de Durer destaca-se a série *Apocalipse* e de Holbein, *A dança macabra*.

Posteriormente, a xilogravura entra em decadência na Europa, sendo usada pelas camadas mais pobres da população para imagens baratas, panfletos e cartazes. Substituída no gosto dos artistas, a xilogravura cede lugar à gravura em metal, por demonstrar, provavelmente, mais recursos na obtenção de imagens.

A Estampa Japonesa

Enquanto na Europa a Xilogravura entra em decadência, no Japão ela evolui consideravelmente, conseguindo manter-se como uma das principais formas de expressão.

O estilo da arte gráfica japonesa que surgiu na metade do século XVII é conhecido como *UKIYO-E*: "*Ukiyo-e*, o nome dessa escola, quer dizer arte do mundo flutuante, transitório. A palavra *Ukiyo* é referente aos costumes, aos hábitos de uma sociedade. Os temas desse mundo passageiro, ou pinturas de rua, como também se chamavam, retratam o dia-a-dia e tudo o que representasse, para o público a que se dirigiam, os efêmeros prazeres da vida: o mundo do *Yoshiwara* com suas casas de chá, o teatro Kabuki e os bordéis." (Herkovits, pág.109).

As primeiras gravuras da chamada escola Ukiyo-e eram em preto e branco, dirigidas a um público popular, sob a forma de cartões postais ou para a decoração de casas. Posteriormente essas gravuras passaram a ser coloridas a mão com as cores: vermelho, amarelo, azul e verde.

O pioneiro da escola *Ukiyo-e* foi Hishikawa Moronobu (1615-1694), com um traço vigoroso com sugestão de volume. Sua temática enfatizava as cenas de rua, mas também tinha predileção pelas cenas eróticas, representando uma beleza pura com certo tom de inocência.

A partir da metade do século XVIII, com a criação de um *registro* (sistema de guia), as estampas japonesas passaram a ser impressas com até três cores. O sistema de *registro* ficou tão sofisticado que após alguns anos algumas gravuras foram impressas com mais de dez cores.



Estampa de Hishikawa Moronobu



Gravura de Suzuki Haronobu (1725-1770)

Foram muitos os artistas que se destacaram na escola Ukiyo-e, porém, o mais célebre de todos, que para os ocidentais encarnava a estampa japonesa foi Kitagawa Utamaro (1753-1806). O seu nome evoca os retratos das mais belas mulheres, quer se trate de cortesãs, quer de burguesas.



Gravura de Kitagawa Utamaro

No século XIX, surgem dois artistas que trazem para o primeiro plano um tema que até então era empregado como fundo: a paisagem.

Esses artistas foram Ichiryusai Hiroshige (1797-1858) e Katsuchika Hokusai (1760-1849).



Hiroshige



Faça sua busca

buscar

Assine

E-mail

SAC

Canais



rc="09japonesa-hokusai.jpg" width="281" height="186">
Hokusai

No século XIX, a gravura japonesa rompe as fronteiras do Japão e atinge a Europa, influenciando sobremaneira no gosto da população europeia como também na produção de alguns artistas, conforme relata HERSKOVITS (1986):

"Munch é seduzido pelo uso da cor e das transparências possibilitadas pela sobreimpressão, também de influência nipônica. E é atraído igualmente pela textura da madeira, criando um sistema particular de impressão, recortando a própria matriz, colorindo cada parte separadamente e depois juntando as peças como num quebra-cabeças".

Além de Munch, Gauguin também realizou experiências com a xilogravura, percebendo as grandes possibilidades expressivas que essa técnica permitia. Pode-se dizer que grandes artistas europeus “redescobrem” a xilogravura como arte autônoma.

Linoleogravura ou Linogravura

O linóleo é um material cujo invento foi patenteado na Inglaterra em 1860 por Frederick Walton. Esse material era indicado para forração (piso). Ele é feito a partir da combinação de óleo de linhaça, serragem de madeira, cortiça, resinas naturais e pigmentos. (enciclopédia britânica).

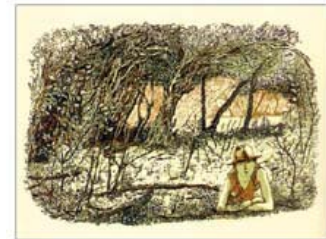
Alguns artistas passaram a utilizar esse material da mesma forma que se utiliza a madeira para xilogravura. As ferramentas para o entalhe são as mesmas utilizadas para a madeira. A diferença está na impressão, pois enquanto que a matriz de madeira deixa aparecer os veios na impressão, com o linóleo obtém-se áreas chapadas.



Linóleo-Picasso



Linóleo-Picasso



Linóleo – Carlos Scliar

A Gravura em Metal na Europa

A Gravura em metal surgiu na Europa no século XV e é provável que sua origem esteja relacionada ao ofício de ourives que trabalhava o metal com *buril*.

Não se tratava da execução de uma gravura para produzir cópias, mas ao trabalho de ourivesaria, como por exemplo, o “niello”, conforme relata CAMARGO (1975):

“o ‘niello’ consistia em trabalhar a prata com um entalho a buril, cujo corte era depois enchido de um amálgama de prata, enxofre e bórax que, aquecida, resultava num releve escuro sobre o fundo de prata fosca e brilhante. Antes de encher esses cortes, os ‘neillatores’ costumavam atintá-los com uma substância oleosa e negra para, por meio de pressão, obterem o desenho sobre um papel fino. Isso era feito com o fim de conservar o molde da obra. É evidente que essas peças não eram executadas com o propósito definido de uma gravura, como prova o sentido contrário das legendas que algumas contêm, assim como os furos dos ângulos das peças, o que demonstra que essas peças deveriam ser colocadas em lugar reservado”.

Conforme se pode observar, a gravura em metal nasceu com a técnica do *buril*, que é um processo direto, ou seja, o artista grava com a ferramenta diretamente na matriz (ferro, latão, cobre, zinco, etc.). Os sistemas que se empregam ácidos, chamados processos indiretos, vieram posteriormente.

Além de um grande número de artistas anônimos, muitos se destacaram na técnica do buril, entre eles, Andrea Mantegna (1431-1506), Martin Schongauer (1450-1491), e Albert Durer (1471-1528), considerado o principal artista do período.



Andréa Mantegna (buril)



Albert Durer (buril)



Durer

Posteriormente, outras técnicas surgiram como a *ponta-seca*, que é a utilização de uma ponta rígida diretamente sobre o metal.

Albert Durer produziu uma série de gravuras utilizando a técnica da *ponta-seca*.

A técnica da *água-forte* surgiu por volta do ano 1513. Nessa técnica, a superfície do metal é coberta com um verniz impermeabilizante e depois, utilizando-se uma ponta seca, risca-se o desenho deixando o metal descoberto no lugar do traço. Posteriormente, a chapa é mergulhada num ácido que ataca a parte exposta pela ponta seca, gravando os traços do desenho. As primeiras matrizes foram feitas com chapas de ferro; o cobre foi usado mais tarde.

Alguns atribuem a Urs Graf (1485-1528), enquanto outros a Durer, o seu descobrimento.

Durante o século XVII muitos artistas trabalharam com a técnica da *água-forte*, entre eles destacam-se: os franceses Jacques Callot (1592-1635) e Claude Lorrain (1600-1682), os italianos Guido Reni (1575-1642) e Giovanni Francesco Grimaldi (1606-1680) e o Holandês Rembrandt Van Rijn (1606-1669), considerado o artista que levou essa técnica a uma grande perfeição artística.



Callot



Rembrandt



Rembrandt

A técnica da *água-tinta* surgiu nos meados do século XVIII e Jean-Baptiste Leprince (1734-1781) é geralmente reconhecido como o inventor dessa técnica.

A *água-tinta* consiste no recobrimento da chapa de metal com grânulos de breu ou betume que depois é aquecida até o ponto de fusão. Posteriormente, a chapa é mergulhada no ácido por determinado tempo e depois retirada para ser impermeabilizada parcialmente; novamente é levada ao ácido. Essa variação do tempo de corrosão dará na impressão diversas tonalidades.

O artista que mais se destacou no uso da *água-tinta* foi Francisco José de Goya y Lucientes (1746-1828). De sua obra destacam-se os *Caprichos* e *Provérbios* e os *Desastres da Guerra*.



Goya-água-tinta



Caprichos



Caprichos

Além de Goya, outro artista de destaque com obras em gravura em metal foi o italiano Giovanni Battista Piranesi (1720-1778).

Seu trabalho principal foi em água-forte, com séries de gravuras denominadas "vistas de Roma antiga" e "prisões". Piranesi produziu aproximadamente duas mil matrizes para gravura em metal.



Piranesi



Renoir

A técnica do *Verniz mole* é atribuída a Dietrich Mayer, que por volta de 1620, teve a idéia de amolecer o verniz por intermédio de gordura, de modo que o mesmo fique mole, permitindo a aplicação de diversas texturas. Com ação do ácido, aparece na impressão o efeito das texturas aplicadas.

Na França, o *verniz mole* tornou-se uma prática corrente entre os anos 1830 e 1840. August Renoir fez algumas gravuras utilizando a técnica do *verniz mole*. (Jorge, 1986).

Litogravura

Do grego Lithos (pedra), a Litografia foi inventada pelo Tcheco Aloys Senefelder por volta do ano de 1796.

Essa técnica baseia-se na repulsão entre a água e as substâncias gordurosas. A matriz (pedra calcária de grão fino) é desenhada com um lápis gorduroso (lapis litográfico). Posteriormente, a pedra recebe uma solução de goma arábica e ácido nítrico para que o desenho se fixe na superfície da pedra. Com isso, as zonas que não tem o desenho rejeitam a tinta de impressão. Senefelder deu o nome a essa técnica de *Poliautografia*. O termo Litografia foi empregado pelo professor Mitterer em Munique no ano de 1805.

São muitos os artistas que trabalharam com litogravura, entre eles destacam-se: Lautrec, Miró, Picasso e Matisse.



Litogravuras – Toulouse-Lautrec





Litogravura - Miró



Litogravuras - Picasso



Litogravura - Miró

Serigrafia

A palavra serigrafia deriva do grego *sericum* (seda) e consiste basicamente em esticar uma tela de seda ou nylon num chassi e deixar algumas áreas vazadas e outras cobertas. A tinta passa nas áreas vazadas e não nas áreas cobertas, deixando uma estampa.

Fundamentado nesse princípio, a serigrafia foi utilizada nos inícios do século XIX para decorar tecidos e os anglo-saxões chamaram essa técnica de *Silk screen*. A serigrafia no Brasil tem basicamente duas aplicações: a primeira como técnica de expressão artística e a segunda na área industrial, na impressão de embalagens, camisetas, etc.

Alguns artistas que trabalharam com a serigrafia: Roy Lichtenstein, Andy Warhol e Vitor Vasarely.



Warhol



Lichtenstein



Vasarely